**UNIVERSIDAD NACIONAL DE ITAPUA**

**III SEMINARIO INTERNACIONAL DE LOS ESPACIOS DE FRONTERA (III GEOFRONTERA)**

# *Integración: Cooperación y Conflictos*

# III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA (III GEOFRONTEIRA)

# *Integração: Cooperação e Conflito*

**Eixo temático 2:** FRONTERAS, TERRITORIOS Y CULTURAS / FRONTEIRAS, TERRITÓRIOS E CULTURAS

# RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE BRASILEIROS NO TERRITÓRIO PARAGUAIO: MIGRAÇÃO E VISIBILIDADE

Marlene Niehues Gasparin - (marlenegasparin@hotmail.com)

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Órgão financiador: CAPES

Julho de 2015

**Resumo:** O propósito deste trabalho tem em foco observar o processo de migração de alguns brasileiros que foram para o Paraguai na década de 1970, voltado especificamente para a comunidade de Tupilandia localizada no departamento de Ca’azapa. Neste local há a presença de muitas famílias brasileiras dividindo território com pessoas locais e, sendo divididos pelas diferenças culturais, identitárias e linguísticas. Com um olhar voltado também, para os fatores de convivências e de interação dentro desse patamar heterogêneo. Esta investigação e análise foram feitas mediante os aportes teóricos referentes às idéias e temáticas em questão como a migração, fronteira e conflitos identitários e, também, através de entrevistas com alguns moradores, imigrantes brasileiros, que residem na comunidade. Observou-se que a prática da migração envolve situações bastante complexas e contraditórias devido as atividades continuas de interação. Estes indivíduos brasileiros ao buscarem novas formas de estabilidade ou melhores condições de vida em um país desconhecido, se defrontam com certas dificuldades de interação social, por ser uma realidade bastante diferente em questão lingüística e cultural. Sendo assim, são marcados por identidades nacionais e culturais divergentes e procuram se adaptar aos novos sistemas dos indivíduos locais para uma possível integração e convivência.

**Palavras-chave:** Migração. Fronteira. Conflitos

**Perfil acadêmico:** Mestranda no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* - Sociedade, Cultura e Fronteira da UNIOESTE/Foz. Possui graduação em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas pela mesma universidade (2012).

**Introdução**

Migrar certamente não é uma atividade recente, e vem sendo marcada com mais intensidade neste tempo de globalização, e esse movimento acontece por muitos e diferentes motivos. Determinados indivíduos se deslocam de seu *habitat* em busca de novas oportunidades, novas experiências, ou até mesmo, por opressões sociais, políticas, etc.. No entanto, neste estudo que está sendo levantado aqui, a migração está relacionada mais diretamente com as forças de trabalho. Essas práticas migratórias podem partir de um país para outro, de um estado a outro, de uma comunidade a outra, e de muitas outras maneiras. Essa mobilidade leva a enfrentar algo novo, às vezes conflitante e às vezes harmonioso, dependendo do motivo, da realidade e do contexto.

Dentro desse sistema de migração, o tema a ser tratado neste trabalho é voltado para as práticas de migração de alguns brasileiros que vivem no território paraguaio. Estes indivíduos se encontram em uma localidade denomina Tupilandia, no departamento de Ca’azapa[[1]](#footnote-1), desde a década de 1970. Cabe ressaltar que entre os próprios brasileiros (irmãos de nacionalidade) existem dois fatores que se diferem a respeito das culturas e etnia. Alguns são oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, brasileiros descendentes de alemães, e outros de Minas Gerais, região Sudeste do Brasil (PIRES-SANTOS, 2004) e, devido a esses fatores, percebe-se que existe uma heterogeneidade ou hibridização cultural, linguística e identitária dentro do mesmo setor de convivência entre os próprios brasileiros.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar o processo de migração destes brasileiros para o Paraguai e como ocorre o fator de integração, aproximação e convivência nesse novo espaço com os demais indivíduos locais.

Para chegar ao objetivo proposto neste trabalho, no primeiro momento apontam-se as abordagens teóricas que direcionam para pensar e analisar sobre o sistema que envolve a questão da migração, do deslocamento de pessoas de um espaço a outro, as quais moldam e são moldadas pelas novas experiências e convivências implantadas e adaptadas. Para melhor compreensão desses apontamentos, serão traçadas algumas considerações teóricas e, na sequência, serão apresentados alguns depoimentos de moradores da comunidade em questão.

Entre os posicionamentos teóricos que dão sustentação a este trabalho tem-se a contribuição de Thomson (2002) que trata das migrações transnacionais e intranacionais, focalizando o que leva ou motiva essas práticas e os conflitos que acarretam. Ferreira (2011) traz as questões relacionadas às barreiras simbólicas encontradas pelos migrantes; Albuquerque (2009) aborda as questões dos limites e das dinâmicas na fronteira e da representação do outro; Pollak (1992) contribui no que diz respeito à identidade e memória social; Gregory (2013) nos mostra um panorama sobre a prática de migração de imigrantes alemães para o Brasil, assim como também Florentin (2010), que trata das questões relacionadas às experiências da imigração de brasileiros para o Paraguai.

Inicialmente, traço um panorama geral sobre os conceitos de migração e fronteira e, na segunda parte, mediante os depoimentos dos interlocutores[[2]](#footnote-2), o assunto gira em torno das primeiras experiências enfrentadas pelos imigrantes no trajeto para o Paraguai e de suas (des)estabilizações sociais, além do modo de convivência nesse determinado espaço social onde se faz presente uma hibridização cultural, linguística e identitária.

1. **Panorama migratório, fronteira e visibilidade**

A globalização vem modificando e desestabilizando a essência de uma história fixa e homogênea. Como coloca Flusser (1983, p. 74) “a migração atual dos povos embaralhou história e geografia (...)” isto é, essa transitoriedade contínua de indivíduos de um lado para outro modificou o cenário de um mundo mais estável. Para melhor entender sobre o que é ser migrante, Ferreira (2011) aponta que é necessário se deter na pergunta “de onde ele é?”. Ou seja, para entender a lógica da migração e dos imigrantes é preciso levar em conta duas questões - “Ser e lugar” - pois nelas estão pautadas a experiência existencial e a prática do imigrante. Os migrantes carregam consigo traços e marcas próprias e, que algumas delas vão sendo modificadas com o decorrer do seu processo. Quando se chocam com outros, isso faz com que eles tenham “um pé aqui e outro ali” (op. cit., p. 255). Segundo Thomson (2002), a prática da migração, seja dentro de qualquer âmbito, segue mantendo suas experiências no decorrer dos tempos. O autor assim se coloca em relação à migração:

Defino “migração” incluindo tanto migrações internacionais quanto intranacionais e, como a maioria dos estudos de história oral, enxergo a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subseqüentes (THOMSON, 2002, p. 341).

No contexto de migrações internacionais, onde há diferenças e experiências marcantes, segundo Goes (2011, p. 2) pode-se observar que as identidades dos grupos de imigrantes são reconstruídas na terra de destino onde também aparecem alguns mecanismos de compartilhamento que, na verdade, funcionam como estratégias ante um estado de permanência definitivo que outrora se apresentava como provisório. Ou seja, são táticas de negociação para uma adaptação mais efetiva nesse novo mundo. Para Ferreira (2011) o que ocorre é uma revolução e transformação de culturas, o imigrante já não é considerado frágil por não pertencer àquele local, mas sim, ele é protagonista da dissolução dos dois mundos considerados fixos, “o “lá” e “cá” fundem-se, misturam-se e, pouco a pouco, dão lugar a “outra coisa”, a um hibridismo cultural” (p. 263).

Gregory (2013, p. 22), ao escrever sobre a negociação de identidades dos imigrantes alemães no Brasil, fala dos termos dados por Emilio Willems (1980) de que dentro da questão que envolve a identidade existe a "assimilação" e a "aculturação", isto é, enquanto alguns "valores culturais e ideológicos desaparecem, outros permanecem ou sofrem adaptações" e dentro dos elementos culturais mais significativos, estão as línguas e alguns outros costumes. Para Willems "assimilação" seria a tentativa de conservar certos valores culturais, sejam valores religiosos, escolares e familiares.

Os motivos que promovem esses movimentos migratórios são inúmeros, uns influenciados por buscas de novos conhecimentos, de novas experiências, mas o que é mais característico é a busca pela melhor condição de vida e de trabalho.Como afirma Sayad (1998), a imigração está diretamente relacionada com o trabalho e o imigrante “é essencialmente força de trabalho provisória [...], temporária, em trânsito”, portanto, “o trabalho faz nascer o imigrante, se o trabalho morre, morre também o imigrante passando a viver um estado de não-ser (SAYAD, 1998 *apud* GOES, 2011, p. 4)”.

Partindo desses pressupostos pode-se considerar que esses fatores estão presentes nas práticas de migração dos indivíduos brasileiros que se deslocam para o Paraguai, de certa forma, motivados por essas mesmas expectativas em busca de trabalhos e melhores condições de vida.

* 1. **Cruzando fronteiras: Brasil → Paraguai**

O termo fronteira apresenta distintos focos de reflexão, pois se refere ao outro, ao diferente, e se manifesta de maneira física ou simbólica, se caracteriza por expectativas sociais onde aparecem relações de forma assimétrica em sua complexidade: por um lado ela leva a uma integração entre culturas diferentes e, por outro, acarreta certas relações de conflitos. Desta maneira, os brasileiros que cruzaram a fronteira para se deslocar para o Paraguai também experimentaram estas realidades e deslocamentos. Essa atividade se intensificou em uma época movida por certos motivos específicos, dentre eles, os fatores políticos de ambos os países.

Os indivíduos que migravam para o Paraguai eram praticamente camponeses que partiam em busca de novas terras, conforme mostram (Pires-Santos, 2004; Florentin, 2010; e Albuquerque, 2010).Ao estudar sobre a experiência da migração de agricultores brasileiros para o Paraguai, demonstram que, entre 1960 e 1970, com a oferta de terras férteis e baratas, os agricultores migravam para o leste paraguaio, devido ao fato de que o presidente paraguaio Alfredo Stroessner iniciou uma aproximação com o Brasil, com a criação da Marcha para o Este. Um dos fatores que evidenciam esses movimentos de aproximação entre brasileiros e paraguaios na fronteira foi a criação da Ponte da Amizade.

 Albuquerque (2009) trabalhando com a questão dos brasileiros no espaço da fronteira entre Brasil e Argentina, no departamento de Alto Paraná e Paraguai a partir da década de 1970, mostra que no governo ditatorial do Paraguai criou-se um grande plano de colonização agrícola na região fronteiriça com o Brasil, facilitando a entrada de empresas e colonos estrangeiros nos departamentos fronteiriços, isto é, ocorreu “os desdobramentos da Marcha para o Oeste, no Brasil, que se encontrou com a Marcha para o Este, no Paraguai, a partir da década de 1960” (p. 141) e esses sistemas operavam com vistas a uma melhor integração:

A Marcha ao Este visava reassentar os camponeses que viviam na área central e mais populosa do Paraguai. Para isso foi criado o Instituto de Bienestar Rural (IBR) – atualmente Instituto Nacional de Desarrollo Rural y

de la Tierra (Indert) –, responsável pela reforma agrária naquele país, e várias colônias oficiais. O governo paraguaio reformulou o estatuto agrário em 1963 e permitiu a venda de terras aos estrangeiros nas zonas de fronteira. (ALBUQUERQUE, 2009, p.141).

Olhando para essa mobilidade, Florentin (2010) afirma que, mediante a presença de muitos brasileiros no território paraguaio, existe uma nova relação entre os dois países, abrangendo aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais diferentes, cujo caráter de transitoriedade necessita uma constante redefinição, pois também geram muitas desavenças e conflitos.

 Segundo um pioneiro da localidade, haviam várias famílias brasileiras vindas de diferentes lugares do Brasil que, a princípio, se adentraram naquela comunidade. Em seu relato, ele aponta que se deslocou com a família (pais e irmãos) do Estado de Santa Catarina para o Paraná. Porém, como havia grandes quantidades de terras e ofertas com valores mais baratos no território paraguaio, em vista das terras no Paraná, eles decidiram investir no país vizinho, dando entrada no ano de 1974.

**Excerto 1 – Entrevista com o Sr. João**

*Sou nascido em Tubarão (SC). Meu pai é descendente de alemão e o motivo que nos levou ao Paraguai é que éramos uma família grande e nos tinha pouca terra no Paraná donde vivíamos. E não tinha opção para comprar mais terreno por Paraná e também era muito mais caro e no norte e centro do Brasil não tinha segurança e nós não queríamos entrar como os sem terra. (Sr. João, morador pioneiro da comunidade 04/10/14)*

Atualmente, seus irmãos voltaram para o Brasil e ele ainda permanece no país com seus filhos, todos nascidos e criados no Paraguai, assim como muitos outros dos habitantes estrangeiros. Segundo relatos, alguns não conseguiram se fixar por muito tempo nessa localidade, pois, conseguir se adaptar nesse novo empreendimento não foi uma tarefa fácil e prazerosa, precisavam de trabalho em conjunto para desenvolver as primeiras atividades, pois não possuíam maquinários e necessitavam de mão de obra e de práticas compartilhadas.

1. **Primeiras experiências e conquista da estabilidade local**

O processo de migração ou essa transitoriedade de um país para outro exige novas formas de atividades com as quais os indivíduos não estão habituados e estes vão sendo moldados pelo novo cenário e pela necessidade de novas estratégias de adequação e de convivência no lugar de destino. Esses fatores aparecem nos depoimentos dos moradores entrevistados. Thomson (2002) afirma que o testemunho pessoal indica ou mostra “vislumbres do interior vivido nos processos de migração” (p. 345). No entanto, certamente, muitas experiências nem sempre estão presentes nas falas das pessoas, pois nem tudo fica gravado ou registrado, ou seja, a “memória é seletiva” (POLLAK 1992, p. 4) e se articula de acordo com o momento e o contexto.

Dentro do novo cenário colocado acima, existem contatos dos diferentes, da cultura diferente, de expectativas diferentes, valores diferentes, línguas diferentes, etc. acarretando certas integrações e conflitos. Ferreira (2011) denomina estas diferenças do *eu* e do *outro*, do *cidadão nacional* e do *estrangeiro-imigrante* como uma ‘muralha simbólica’ (p. 256, grifo do autor).

A muralha, essa delimitação espacial material e simbólica, se torna a base de uma cidade e, portanto, de uma sociedade. Sendo assim, a muralha tem um papel fundamental de *separação* *de coisas*. Ela separa as sociedades, ela inaugura, ou escancara, de maneira inevitável, a separação entre os “de dentro” e os “de fora”, entre “os nacionais” e “os estrangeiros”. (FERREIRA, 2011, p. 257).

Segundo o mesmo autor, ao comentar sobre o fato de estarem em um lugar diferente, nos alerta que é preciso pensar a respeito dos conceitos considerados identidades estanques, fixas, e imutáveis para que essa “Soberania territorial, dogmática e exclusiva, seja contestada” (p. 263).

Os primeiros experimentos vividos pelas primeiras famílias na localidade de Tupilandia, no Paraguai, ocorreram de maneira bastante tensa e árdua, pois, sendo um lugar bastante distante da fronteira, não havia nenhuma circulação de outros brasileiros na região. Assim, esses pioneiros tiveram que buscar uma forma de se inserir no local totalmente desconhecido e divergente, principalmente, na questão cultural e linguística, para poderem se estabilizar e se relacionar com os demais moradores da região.

No início, sendo eles colonos não proprietários de maquinários ou instrumentos mais eficientes para desmatamentos das terras, os trabalhos eram feitos de maneira mais vagarosa e pesada, com ferramentas e acessórios manuais como o machado, facão, enxada, etc. A construção de suas vivendas era feita em conjunto entre os moradores brasileiros da comunidade. Como não havia comércios, nem mesmo materiais mais eficientes para a construção, as casas eram feitas de coqueiro e os telhados de táboas ou lonas provisórias, ou seja, com a ajuda das ferramentas possíveis preparavam os materiais para levantar a casa, como mostram as figuras abaixo.

 

**Figura 1: Retratos das primeiras casas construídas pelos brasileiros na localidade (arquivos disponibilizados pelos moradores)**

Esses retratos representam as primeiras construções feitas pelos moradores brasileiros da comunidade. Como se pode observar, ainda havia grandes quantidades de árvores e de troncos ao redor das casas, isto é, a prática do desmatamento ainda era recente. Da mesma forma que as construções das casas eram feitas de maneira conjunta, as atividades e os trabalhos nas terras ou lavouras também dependiam de um conjunto de mão de obra havendo, assim, uma troca de serviço mútuo. A agricultura, de forma geral, se fazia mediante a plantação de algodão, como produto lucrativo de comércio, além de outros produtos para consumo, tais como, mandioca, milho, feijão, etc.

Essa localidade a princípio pertencia a uma comunidade denominada Sargento Potrero, no município de Yuty. Porém, mais tarde, por haver uma grande quantidade de brasileiros num determinado local, foi criada a nova localidade nomeada de Tupilandia, como podemos observar no depoimento abaixo.

**Excerto 2 – Entrevista com o Sr. João**

*Se deu a origem Tupilandia por causa de uns quantos imigrantes brasileiros, famílias brasileiras; e formamos uma comunidade, e denominaram Tupilandia que significa, terra de tupi, índios brasileiros. Que si diz que tupi e guarani foram dois irmãos e dois cacique e viviam no Brasil, os dois se desentenderam e o guarani passou o Rio Paraná. E se instalaram desse lado que é o Paraguai. Foi denominada Tupilandia por um padre paraguaio em 1978, que celebrou a primeira missa neste lugar, em 26 de novembro desse ano. (Sr. João, morador pioneiro da comunidade 04/10/14).*

Este morador traz vivos em sua memória alguns fatos do processo históricos que mostra o fundamento e também, de certa forma, a visibilização dos estrangeiros ou de se construir como estrangeiro. Como apontam Moreira e Barros (2009, p. 51), “a lembrança é a sobrevivência do passado, que emerge à consciência na forma de imagens-lembranças”. Segundo o relato do Sr. João, essa denominação se dá por certos fatores históricos e identitários, isto é, ‘tupi’ significa indígena e ‘landia’, significa terra. A imagem abaixo retrata a primeira Missa que ocorreu na comunidade no ano de 1978.



**Figura 3: Retrato da 1° Missa realizada na comunidade (arquivos disponibilizados pelos moradores)**

Pode-se perceber, a partir da foto, que não havia uma estrutura física para a realização dos cultos, estes aconteciam em um determinado local debaixo das árvores. A partir do ano de 1978, foi sendo construída uma igreja católica, pois era a religião a que pertencia toda a população daquele local. Mais adiante foi construída uma escola para as séries iniciais formando assim, uma comunidade mais ampla. As celebrações das práticas religiosas eram feitas, a princípio, no idioma português. Porém, mais tarde, por haver uma presença maior de paraguaios na comunidade, passou a ser celebrada no idioma espanhol. Para os colonos, mesmo sendo difícil de entender a língua, podiam acompanhar esses eventos.

Todavia, viver em um espaço heterogêneo, onde as diferenças linguísticas e culturais são bem marcantes, há uma existência de dois mundos em contato, e essa aproximação pode levar a intercâmbios como também a certos conflitos frente a essa integração, muitas vezes considerada forçada. De ambos os lados existe um forte elemento de identificação nacional demarcador de fronteiras simbólicas, que acarretam realidades nem sempre harmoniosas entre estes indivíduos.

* 1. **Convivência social**

O posicionamento em ter que se adequar ao sistema local totalmente diferente às vezes torna a convivência bastante crítica e complicada, principalmente pela questão linguística, pois os imigrantes nem sempre dominam as línguas locais. Nessa comunidade, a língua mais utilizada pela população paraguaia é o guarani. No entanto, isto torna a comunicação mais difícil, pois a maioria dos brasileiros têm dificuldade em aprendê-la e compreendê-la, diferente da língua espanhola. Por outro lado, os pais precisavam ser menos conservadores para que os filhos pudessem frequentar as escolas e participar das atividades sociais locais, sendo, de certa forma, obrigados a aprender os dois idiomas ensinados na escola. Segundo depoimentos de uma moradora, filha de brasileiros que moram na região, mesmo tendo aprendido os idiomas e convivido com os costumes das pessoas locais, ela não se considera paraguaia.

**Excerto 3 – Entrevista com Ana**

*Quando eu era pequena e recém ia na escola, eu sofria muito pois não sabia falar a língua deles daqui, nem dos meus colegas e nem do professor, eles nem gostava da gente por que nós falava português, eles não gosta de brasileiros, eles batiam na gente, chamava nós de brasilero katî, no começo foi ruim, mas depois a gente foi aprendendo a língua deles aí ficou melhor, hoje eu sei falar mais em guarani e espanhol do que o português, pois o português só falo em casa com o pai e a mãe, mesmo assim, eu me vejo brasileira pois sou diferentes deles aqui (Ana, moradora da comunidade, 04/10/14).*

Além de aparecer nesse relato fatores de adaptação a uma cultura diferente, observa-se que existe certo conflito quando Ana aponta que no início era menosprezada por falar em português, pois a chamavam no sentido pejorativo de brasilera katî (brasileira fedida). Isso indica o quão uma língua tem poder de identidade e acarreta certos estereótipos. Florentin (2010, p.100) afirma que “a identidade enquanto identidade social ou coletiva, ela é o imaginário de um grupo sobre suas origens comuns e, os seus múltiplos laços culturais, históricos e geográficos partilhados”. Esses elementos que envolvem duas nacionalidades é o que Thomson (2002, p. 348) chama de “dupla identidade”, ou seja, ele usou esse termo para um estudo feito por Hickey sobre as histórias de vida de mulheres migrantes asiáticas e de suas filhas nascidas nos Estados Unidos. O autor comenta sobre os desafios enfrentados pelos filhos que tentam negociar entre os padrões e valores familiares abraçados em suas próprias famílias e aqueles da cultura dominante. No entanto, ressaltam que essa dupla identidade às vezes se torna um *recurso poderoso* e outras vezes *uma luta dolorosa*. (p. 348, grifo do autor). Albuquerque (2009, p. 148) aponta que os contrastes entre esses “grupos étnicos” acentuam as identificações coletivas, os preconceitos e formas negativas de classificação do “outro”.

Em contrapartida, nem tudo pode ser considerado como discórdia ou conflito, sempre há espaços para o convívio harmonioso entre indivíduos paraguaios e brasileiros.

**Excerto 4 – Entrevista com a Sra. Márcia**

*Eles mantém sua cultura normal, seus sistemas, eles não se incomodam com os nossos costumes, nossos afazeres, no relacionamento vamos muito bem, falamos o idioma espanhol quando com eles, e entre nós o português. Na educação eles mantém suas tradições, ensinam o espanhol e o guarani, e os nossos filhos se relacionam muito bem nas escolas, colégios e um pouco nas diversões. (Sra. Márcia, moradora da comunidade, 04/10/14).*

Neste depoimento dado pela Sra. Márcia, aparecem elementos que mostram que não há somente desavenças e sim intercâmbios linguísticos e bons relacionamentos entre as pessoas da localidade. Como salienta Albuquerque (2009, p.159) há espaços sociais de cruzamentos e hibridismos culturais entre brasileiros e a população paraguaia. As demarcações nacionais e sociais podem ser vistas como limite de diferenças culturais, mas também, podem ter um ambiente de trocas e de compartilhamento.

**Considerações finais**

Mediante as contribuições dadas pelos interlocutores e pelos aportes teóricos, fez-se uma análise, a partir da qual se pode compreender o quão dinâmicos são os fatores ou sistemas que envolvem as realidades de indivíduos migrantes que, de certa forma, levam consigo condições incertas. Estes imigrantes brasileiros que cruzaram a fronteira e foram se estabelecer ou se fixar no território paraguaio, enfrentaram muitos obstáculos e adversidades para chegar a certa estabilidade. Por ser um lugar distante do país de origem, certamente, o contratempo foi maior. O trabalho mútuo e a aproximação com as línguas locais, o espanhol e guarani, foram estratégias para melhor discernimento diante da população e, com o passar dos tempos puderam levantar uma nova comunidade de imigrantes. É importante observar esses fatores de mobilização e de transitoriedade de um espaço a outro sem tempo e espaço permanente, como neste caso, em que muitos dos imigrantes já voltaram novamente para o país de origem. Ou seja, mesmo havendo certas estabilidades no novo ambiente ou local, parece sempre existir um sentimento de estadia provisória.

Estes imigrantes brasileiros saem distribuindo no novo espaço a cultura e a língua, assim vão modificando e sendo modificados pelas redondezas. Portanto, cabe olharmos para um mundo ou uma sociedade não mais como fixa e imutável, mas como espaços de cruzamentos e intercâmbios constantes. Assim como a vida destes imigrantes brasileiros, existem os outros migrantes de toda parte do mundo que, também, estão em constante mobilidade.

**Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, J. L. C. *A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais.* Universidade Federal de São Paulo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALTENHOFEN, C. Bases para uma política linguistica das línguas minoritárias no Brasil. In. Nicolaides, C.; Silva, K.; Tilio, R.; Rocha, C. (Orgs.). Política e políticas lingüísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

FERREIRA, Carlos. *O imigrante como um subversivo prático-político, possibilidade de um “novo mundo” – o projeto universal-cosmopolita dos Direitos Humanos em contraposição à Soberania territorial.* Emancipação, Ponta Grossa, 11(2): 253-266, 2011. (http://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2012/12/imigrante-como-subversivo-carlos-ruiz-ferreira.pdf). (Acessado dia 10/06/15)

 FIGUEREDO, O, FILIPPI, E.*O Paraguai e sua inserção econômica na globalização: o caso da soja.* Ribeirão Preto, 24 a 27 de Julho de 2005. (http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/477.pdf). (Acessado dia 13/06/15)

FIORENTIN M. *A experiência da imigração de agricultores brasileiros no paraguai (1970-2010).* CURITIBA. 2010. (<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24333/Dissertacao%20Marta%20Fiorentin%5B1%5D.pdf?sequence=1>). (Acessado dia 10/06/15)

FLUSSE, Velén. *Pós-historia: vinte instantâneo e um modo de usar.* – São Paulo: Duas Cidades, 1983.

GREGORY, Valdir. *Imigração alemã no Brasil*. cadernos adenauer xiv,2013. (<http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>). Acessado em 10/06/2015.

GOES, A. G. *A produção da identidade no contexto das migrações internacionais*. NPPA/UFS, 2011.

MOREIRA, F; BARROS, José Márcio. *Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano*. Políticas Culturais em Revista, 2009. (<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/viewFile/4275/3138>) (acessado dia 10-06-2014).

PIRES-SANTOS, M. E. *O cenário multilíngüe/multidialetal/multicultural e fronteira e o processo identitário“brasiguaio” na escola e no entorno social*. Tese apresentada na Unicamp em Campinas, 2004

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social.*Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

THOMSON, Alistair. *Histórias (co)comovedoras: história oral e estudos de migração*. Revista Brasileira de História. SP, vol., 22, n. 44, (p. 341-363), 2002.

1. Departamento localizado na região sul do Paraguai. [↑](#footnote-ref-1)
2. Por preservação do anonimato, todos os nomes próprios dos participantes da pesquisa terão nomes fictícios. [↑](#footnote-ref-2)